



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12158 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

DESCOLONIZAÇÃO DE PESQUISAS ACADÊMICAS EM CONTEXTOS INDÍGENAS

Danielle Alves Martins - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MINAS GERAIS

Vanessa Sena Tomaz - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

DESCOLONIZAÇÃO DE PESQUISAS ACADÊMICAS EM CONTEXTOS INDÍGENAS

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa de doutorado que investigou práticas educativas e o currículo do Ensino Médio da Escola Indígena Pataxó de Barra Velha (BA). O artigo reflete sobre escolhas metodológicas e posicionamentos políticos que exemplificam uma prática rumo ao que pesquisadores tem defendido para descolonização de pesquisas acadêmicas.

A pesquisa envolveu professores Pataxó da aldeia Mãe Barra Velha, egressos do Curso de Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, ofertado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Esse curso tem como objetivo a formação de indígenas para atender a demanda das comunidades de professores para suas escolas.

O povo Pataxó sempre viveu nos territórios indígenas no extremo sul da Bahia, pertencente ao tronco linguístico Macro-jê e à grande família Maxakali, distribuído em aproximadamente 41 aldeias nos estados de MG, RJ e BA. A aldeia Mãe Barra Velha está localizada no município de Porto Seguro (BA). A comunidade possui uma escola indígena que oferece desde de Educação Infantil ao Ensino Médio, com atuação de professores da comunidade em todos os níveis. A maioria desses professores são egressos da UFMG e atribuem a essa formação conquistas locais rumo a uma educação indígena diferenciada na comunidade.

Eles praticam uma educação escolar entrelaçada com a vida da comunidade, compartilhando com diferentes seres: humanos, não humanos e os encantados. Como explica

a indígena Nascimento (2018, p.37), são espíritos de “índios velhos” que já se foram e que se encontram hoje na natureza, como no mar, no rio e nas matas. Por isso são chamados de seres da natureza que orientam a vida diária desse povo que perpassa as relações com a natureza, ou seja, com a terra, o mar, a lua.

Desde a primeira visita à Barra Velha, os professores alertaram que pesquisa teria que “*ser uma troca em que os dois lados ganham*”, demonstrando resistência em aceitar pesquisas/pesquisadores que não traziam contribuições para as lutas da comunidade. Eles nos apresentaram a demanda da escrita do documento curricular do Ensino Médio, uma urgência para sua regulamentação junto à Secretaria.

A partir desse encontro, redefinimos nossas questões de pesquisa, alinhando-as às demandas dos professores, o que deu a ela novos contornos teóricos e metodológicos. Passamos, a partir de então, a nos apoiar em literaturas que se alinham ao movimento de descolonização da pesquisa. De forma geral, podemos dizer que esse campo teórico contribui para desenvolver pesquisas engajadas no enfrentamento de discursos e práticas coloniais, conforme aponta a pesquisadora indígena Tuhiwai Smith (2018).

Outros autores indígenas, como Xiiem, Lee Morgan e Santolo (2019), apontam sete princípios para o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas nessa perspectiva de descolonização. São eles: respeito, responsabilidade, reverência, reciprocidade, holismo, inter-relação e sinergia. Para eles, os quatro primeiros – respeito, responsabilidade, reverência, reciprocidade –, devem ser utilizados pelos pesquisadores, no campo metodológico, como um guia ético para trabalhar com os povos originários, incluindo os conhecimentos e as histórias deles. Os últimos três princípios – holismo, inter-relação e sinergia –, devem contribuir para a construção de significados a partir das tradições e histórias de experiências vivenciadas pelos indígenas.

Levando em conta essa perspectiva de descolonização da pesquisa acadêmica e apoiada nos estudos de Walsh (2019), sobre pedagogia decolonial, é que engajamos, junto com os professores, na elaboração do documento curricular do Ensino Médio da Escola Indígena Pataxó de Barra Velha.

Dado o contexto pandêmico em 2020, a elaboração desse currículo ocorreu de forma online, por meio de encontros virtuais e aplicativos de conversas instantâneas com os professores Pataxó. Foram no total sete encontros, sendo que a maior parte deles foi gravado em vídeo, e várias mensagens de texto, áudio e vídeo.

No andamento da pesquisa, identificamos que a produção do documento curricular gerava tensões entre os professores e a Secretaria. Enquanto os professores almejavam um currículo fundamentado nas práticas ancestrais Pataxó, a Secretaria se pautava nos componentes curriculares da Base Nacional para o Ensino Médio.

Trabalhamos junto com os professores Pataxó e a comunidade, pois percebemos que,

para além de um documento orientador, poderíamos produzir um currículo intercultural que contribuiria para a luta por uma escola indígena, específica e diferenciada, desejo da comunidade. Além disso, esse documento fortaleceria os argumentos para manter o Ensino Médio por alternância, que havia sido retirado pela Secretaria, em 2020, sem o aval da comunidade. A sistematização do currículo, estruturado a partir das práticas ancestrais, buscava ainda reconhecimento externo do trabalho realizado no Ensino Médio, que, segundo a Secretaria, precisava ainda de regulamentação.

Em meio a essas tensões, contribuímos para a elaboração de um documento curricular que atendesse tanto a Secretaria no que era essencial para a regulamentação do Ensino Médio, quanto os professores de manter o projeto de escola diferenciada, cuja centralidade são as práticas educativas ancestrais Pataxó. Nosso papel, era de, em um esforço de estabelecer o diálogo intercultural, engrossar os gritos, as insurgências dos professores frente às colonialidades e tentar, por meio da reconciliação, encontrar *gretas*, para deixar à mostra a especificidade e a identidade da escola Pataxó de Barra Velha. Como defende Walsh (2019), não é possível anular totalmente a presença e os efeitos das colonialidade.

Esse diálogo demarca as diferenças entre conhecimentos, ‘os de dentro’ e os ‘de fora’, destacando as relações da comunidade com a natureza, pois identificamos que as práticas educativas do Ensino Médio eram aquelas desenvolvidas nos ciclos de vida da comunidade, nas práticas cotidianas e tradicionais indígenas Pataxó.

A produção coletiva do documento curricular, ao nosso ver, reflete um posicionamento de pesquisadores que acreditam em um fazer pesquisa acadêmica ‘com’ e não sobre povos indígenas. Como defende Tuhiwai Smith (2018), pesquisas que busquem contribuir para as lutas da comunidade são um passo fundamental para que avancemos no processo de descolonização das pesquisas acadêmicas e levemos em conta a importância de pesquisas acadêmicas engajadas politicamente.

Avançamos do discurso da cautela em autorizar pesquisas que somente atendam aos interesses acadêmicos do pesquisador em direção a uma parceria entre indígena e pesquisador. E, por isso, acreditamos que o modo como aceitamos as demandas dos professores, assumindo o desafio de participar da escrita coletiva do documento curricular, o que nos levou a reposicionar nossas questões de investigação, com espaço de atuação dos próprios professores, pode contribuir para uma ressignificação do fazer pesquisa acadêmica em territórios indígenas.

Palavras-chave: Povo Pataxó. Práticas educativas. Currículo. Descolonização de pesquisa.

REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, Criscia Santos. **Ritual Dawê Mayõ Ixé**. 2018. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

TUHIWAI SMITH, Linda. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Tradução Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

XIEM Jo-ann Archibald Q'um Q'um; LEE MORGAN, Jenny Bol Jun; SANTOLO, Jason De. *Decolonizing Research: Indigenous Storywork as Methodology*. 2019. by Zed Books Ltd, The Foundry, 17 Oval Way, London SE11 5RR, UK.

WALSH Gritos, gretas e sementeiras de *vida*: entreteceres do pedagógico e do colonial. In: *Entre linhas: Educação, Fenomenologia e Insurgência Popular*. Org. Souza, Sueli Ribeiro Mota; Santos, Luciano Costa. Volume 6. Universidade do Estado da Bahia. 2019.